

Alunos de MBA aderem a juramento

Della Bradshaw

Foi há apenas um ano que, num golpe publicitário, os alunos que estavam se formando pelo programa de MBA de Harvard decidiram deixar claro que iriam promover padrões de ética nos negócios. O anúncio feito por eles, que assumiu a forma do juramento de MBA, foi um resultado direto da crise econômica, durante a qual os MBAs em geral foram acusados de serem responsáveis por todos os males que afligiram o mundo empresarial.

Passado um ano, com a economia começando a se recuperar, a popularidade do juramento feito em Harvard parece ter esvanecido. Em 2009, 44% da turma aderiu ao compromisso; em 2010 esse número caiu para 33%.

Apesar disso, há sinais de que os juramentos estão ganhando força internacionalmente. Embora nenhuma das outras grandes escolas de negócios dos Estados Unidos - como Stanford, Chicago ou Wharton - esteja promovendo o juramento, um mapeamento dos mais de 3 mil assinantes do site MBA Oath revela que alunos de outras escolas estão aderido a ele.

No Reino Unido, o primeiro capítulo do chamado MBA Oath está se desenrolando na Strathclyde Business School de Glasgow. Neste primeiro ano, cerca de 30% da turma participou. É difícil determinar por que alguns estudantes aderem ao juramento e outros não, afirma Michael Cooper, responsável pela iniciativa em Stratclyde, onde mais de 90% dos alunos são estrangeiros.

"Algumas pessoas dizem: 'Admiro o juramento, mas acho que não posso aderir. Não funcionaria em meu país'."

Além disso, na opinião de especialistas há outros problemas: Não há sanções para aqueles que quebram o juramento e alguns dos compromissos - em relação ao ambiente, por exemplo - têm um viés esquerdista.

Peter Escher, um dos fundadores do juramento em Harvard, contudo, defende a iniciativa. "A intenção não foi criar algo político. O ambiente impõe uma reivindicação legítima sobre qualquer organização", diz.

Numa tentativa de iniciar discussões sobre a ética e a sustentabilidade, Angel Cabrera, presidente da Thunderbird School of Global Management, instigou o conceito de um juramento na faculdade em 2005. O professor se descreve como um "ativista" do juramento de MBA e, junto com Rakesh Khurana e Nitin Nohria de Harvard, foi um dos responsáveis por seu desenvolvimento.

"Precisamos tratar a administração como um profissão. Esta é uma maneira de se fazer isso. Não é uma panaceia ou uma solução definitiva." Ele vê a medida como algo de real valor dentro da comunidade das escolas de negócios. "Ela muda a discussão. Nos pressiona a repensar o currículo dos cursos". Caso contrário, diz ele, "você pode passar por um programa de MBA inteiro sem ser informado de que a corrupção é algo inaceitável".

Cabrera afirma que os administradores que aderem ao juramento não deixarão de ser falíveis por causa disso. "Ele não significa que essas pessoas terão um desempenho 100%." Cooper concorda: "Acho que muitas pessoas veem o juramento como algo preto no branco. Para mim, trata-se de um conjunto de princípios com os quais se deve trabalhar".

Na Ivey School da Universidade de Western Ontario, foi a proteção à reputação da escola, depois dos escândalos da Enron e da WorldCom, que levou ex-alunos a exigirem a criação de um juramento em 2004. "É uma lembrança do compromisso que eles estão assumindo com a escola e com os colegas que já estudaram lá", afirma a diretora Kelly Cole.

As motivações para a implementação de um juramento variam, assim como o próprio conteúdo deles. Na Thunderbird School, o juramento é feito durante a cerimônia de

distribuição dos diplomas e compreende apenas oito linhas. Já em Harvard e na Ivey School, são mais pomposos e extensos.

Existem também juramentos preventivos. O do Jovem Líder Global do Global Compact of the World Economic Forum, por exemplo, exige que os participantes se engajem preventivamente na questão da responsabilidade social corporativa.

O professor Cabrera diz que houve discussões para tentar padronizar a formulação dos juramento nas escolas de negócios, "mas foi muito difícil juntar todas as sugestões".

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 23 jun. 2010, Eu & Investimentos, p. D10.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais